



GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

Coordenador(es):

Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)

Rogério Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Engajamentos insubmissos

Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas

Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)ensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

O Dicionário de Favelas Marielle Franco e a descolonização do conhecimento

Autoria: Palloma Valle Menezes (UFF - Universidade Federal Fluminense), Sonia Fleury Marcelo Fornazin Clara Polycarpo

Historicamente, as favelas são consideradas pelos poderes públicos, setores da imprensa e camadas médias e altas da sociedade carioca a partir de definições a priori negativas. Tais definições ajudam a moldar políticas direcionadas a esses territórios e suas populações, tanto no caso da segurança pública quanto no acesso a serviços de infraestrutura, prestados de forma descontinuada e insuficiente. Contudo, um conjunto variado de atores coletivos, notadamente os moradores destas localidades, insistem em questionar tais formulações e os impactos negativos (e muitas vezes violentos) que elas produzem em seus cotidianos. Há um ano, alguns desses moradores de favelas, em uma iniciativa conjunta com acadêmicos, lançaram o Dicionário de Favelas Marielle Franco. A ideia da plataforma é reunir e ajudar a ecoar múltiplas falas de moradores, lideranças e intelectuais ? tanto da favela como de fora dela. Ao reunir os conhecimentos



produzidos por meio de uma plataforma Wiki própria, colaborativa e de construção coletiva, o Dicionário busca a difusão de outras narrativas acerca destes territórios e suas populações ao valorizar suas memórias e experiências, efetivando o direito à cidade como um direito de cidadania. O projeto parte da ideia de que o sujeito ?favelado? ? assim como o sujeito ?subalterno? do qual fala Spivak (2014) ? é irredutivelmente heterogêneo. Por isso, o Dicionário de Favelas se constrói a partir da colaboração de um grupo heterogêneo de pessoas e tem por objetivo incentivar uma ampla articulação do conhecimento (acadêmico ou não) produzido sobre as favelas, muitas vezes disperso ou hierarquizado. A ideia do projeto, desde seu início, foi fugir do perigo de se construir o ?favelado? apenas como objeto de conhecimento por parte dos intelectuais que almejam meramente falar pelo outro. Com a licença de creative commons, se trata de uma tecnologia de ponta que inverte a lógica colonial pela qual a produção de conhecimentos se dá em circuitos inovadores centrais e depois é difundida para as periferias. A plataforma, com isso, inova como forma de decolonizar a produção e a circulação do saber em uma condição de horizontalidade que rompe as dicotomias de produção acadêmica/saber popular; autoria individual/produção coletiva; impessoalidade científica/experiência vivida. Neste work, especificamente, buscamos problematizar e refletir sobre como vêm se dando os encontros de saberes de acadêmicos, ativistas e moradores de favelas nessa plataforma digital que já conta com 405 verbetes e 285 pessoas registradas. Avaliaremos a experiência de produção desse conteúdo que vêm expandindo os sentidos dos artigos de modo a também registrar filmes, músicas e poesias, além da tradição oral das memórias das favelas em uma construção coletiva e contínua.

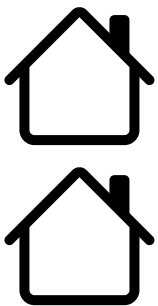
[Trabalho completo](#)



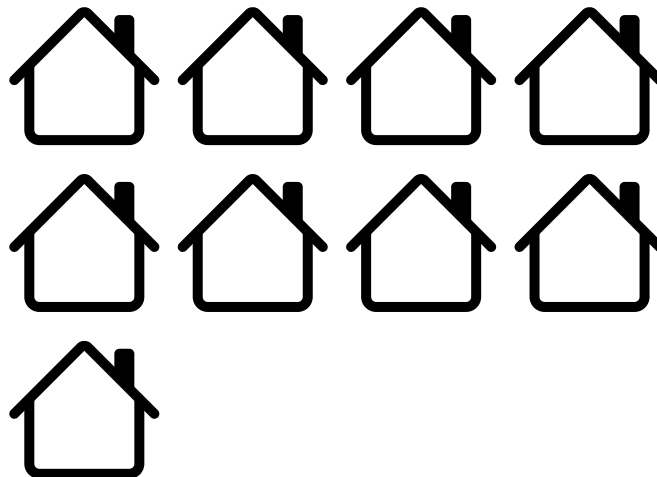
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: